

**CORPOREIDADE E EDUCAÇÃO FÍSICA: ASSOCIAÇÃO POSSÍVEL EM
MOMENTO DE ISOLAMENTO SOCIAL? UM DIÁLOGO COM O PROFESSOR
WAGNER WEY MOREIRA**

Arlene Stephanie Menezes Pereira¹

Wagner Wey Moreira²

Klertianny Teixeira do Carmo³

Kaline Lígia Estevam de Carvalho Pessoa⁴

Symon Tiago Brandão de Souza⁵

Resumo: O presente texto apresenta a entrevista com o Prof. Dr. Wagner Wey Moreira realizada em 27 de maio de 2020 para o projeto Entre-lares, projeto de extensão vinculado ao Instituto Federal do Ceará (IFCE), o qual objetivava produzir um ambiente dialógico sobre as afetações emergentes acerca da cultura corporal, no contexto pandêmico do covid-19 e reflexividade crítica com a experiência formadora. O professor Wagner é vinculado a Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), aqui entrevistado pela professora doutoranda Stephanie Menezes do IFCE. O diálogo nos traz nuances sobre corporeidade, Educação Física e o contexto pandêmico com várias reflexões sobre a atualidade.

Palavras-chave: Corpo. Cultura Corporal. Educação Física. Covid-19.

1 INTRODUÇÃO



Imagem 1: Professor Wagner Wey Moreira
Fonte: acervo do Professor Wagner Wey Moreira

O vasto e impressionante currículo do professor Dr. Wagner Wey Moreira aponta, ao mesmo tempo, um desafio e uma honra em apresentar tamanha referência para a área no que se refere aos tantos assuntos por ele abordados de forma magistral, tais como a corporeidade, desporto e Educação Física escolar. Numa tentativa de trazer em poucas palavras sua rica contribuição, apresentamos o professor Wagner Wey Moreira, graduado em Educação Física pela Universidade Metodista de Piracicaba (1973) e também graduado em Pedagogia pela Faculdade de Educação Osório Campos-RJ (1978). Mestre em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (1985), Doutor em Educação e Livre Docente pela Universidade Estadual de Campinas (1990 e 1993). Além dos títulos, seu currículo nos traz a criação da Faculdade de Educação Física na Unicamp e o exercício em diversos cargos nessa e em outras universidades. Atua como consultor Ad Hoc do CNPq e parecerista CAPES, além de participar da comissão editorial de várias revistas. Apresenta um considerável número de orientações de dissertações e teses, liderando o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Corporeidade e Pedagogia do Movimento - NUCORPO/CNPq, com publicação de vários livros e trabalhos com contribuições generosas para a área, buscando associar, como ele mesmo descreve, as áreas da Educação, Educação Física e Desporto com a fenomenologia

merleaupontiana, em especial, e as teorias da complexidade em Morin. Por fim, o professor Wagner ainda atua como Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq na área de Educação e como docente no curso de graduação, mestrado e doutorado em Educação da UFTM.

2 ENTREVISTA

Stephanie: Boa tarde a todos. Estamos aqui mais uma vez adentrando vossas casas. Então, nós pedimos licença para entrar com o projeto Entre-Lares do Instituto Federal do Ceará (IFCE) que tem como objetivo produzir um ambiente dialógico sobre as afetações emergentes acerca da cultura corporal, no contexto pandêmico do covid-19 e reflexividade crítica com a experiência formadora.

Eu sou a professora Stephanie Menezes professora da casa e hoje vou mediar esse diálogo com um convidado ilustríssimo que eu considero um clássico da nossa área, o professor Wagner Wey Moreira. Ele que é professor da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) também é bolsista de Produtividade em Pesquisa em Educação do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), autor de diversos livros da nossa área, o qual para iniciar eu vou apresentar rapidamente dois de seus livros.

O primeiro “Educação Física escolar: uma abordagem fenomenológica” (Moreira, 1992), onde ele mergulha na intimidade dos acontecimentos da Educação Física, não separando pesquisador e pesquisado e assumindo uma posição fenomenológica, eu digo até bem corajosa nessa obra. Onde ele traz que não se deve educar de qualquer forma e fazendo também duras críticas a esse modelo de educação positivista e afirmando que a Educação Física precisa também aceitar esse desafio.

A segunda obra que eu vou apresentar para vocês rapidamente também “A educação física e esportes: perspectivas para o século 21” (Moreira, 2010), que é uma coletânea de textos de grandes autores da Educação Física como Celi Taffarel, Carmem Lúcia Soares, João Batista Freire, Silvino Santin, Manuel Sérgio e Manoel Gomes Tubino, entre outros. Obra na qual é tratada que para falar de presente e futuro é necessário conhecer o passado.

Então, vou tomar uma frase da obra, já trazida na contracapa, a qual nos diz que “não podemos ter uma educação e uma Educação Física no próximo século que finquem suas bases

nos modelos educacionais dos 80 anos iniciais deste século”. Então, em nome do IFCE seja bem-vindo professor Wagner é um prazer imenso recebê-lo e agradecendo também a sua pronta aceitação para este diálogo.

Professor nós temos visto a Educação Física bastante atuante nesse contexto pandêmico com atividades remotas. E mesmo havendo uma especificidade, digamos que prática da nossa área, em alguns casos essa atuação da Educação Física vem se limitando a mera repetição de movimentos ou atividades físicas em si. Trazendo a justificativa de que a atividade física aumenta a imunidade, o que é fato, porém nosso corpo atravessa muitas outras questões e bem mais complexas que essas. Então, eu trago o primeiro questionamento: como se apresenta o corpo e as nuances da cultura corporal como as práticas corporais e a corporeidade, neste atual contexto pandêmico?

Wagner: Para iniciar eu também quero agradecer muito a você, a Samara, ao Tony e ao pessoal todo do Instituto Federal, pela oportunidade de estar conversando com vocês. Eu tenho dito que o que nos faz profissionais competentes é exatamente o nível de amizade que temos com os outros colegas. E para mim está sendo muito interessante participar do projeto de vocês que é um projeto lindíssimo, pois assisti a última live com prazer. Então, vocês estão de parabéns.

É interessante pensarmos na perspectiva do GT Corpo e Cultura, onde se enquadra essa nossa participação, mesmo porque essa relação é indissociável. Mas, num primeiro momento o corpo é quase sempre deixado de lado e vamos tentar conversar hoje que corpo e cultura é um binômio inseparável. E sendo lógica, deveríamos ter essa relação corpo e cultura a todo momento, mas não temos. É lógica essa relação porque afinal é o corpo que produz cultura e a história, ao mesmo tempo ele é modificado por essa história e por essa cultura. No entanto, às vezes não nos damos conta disso. Achamos que o corpo é apenas um apêndice da cultura e da história, mas não é bem assim.

O que estamos propondo hoje, a partir do seu primeiro questionamento, é que com a pandemia e o isolamento voltemos a pensar o corpo. Porque quando estamos no dia a dia não pensamos, e agora que estamos mais isolados e mais quietos, deveríamos novamente pensar no corpo. Eu queria fazer hoje é uma proposta diferente, um pouco mesmo a partir do que você acabou de colocar. E eu concordo que inicialmente fazemos muitos movimentos, muitas práticas, e isto é necessário. Mas hoje vamos fazer uma prática diferente. Uma prática de

reflexão sobre o corpo a partir da Educação Física e entender inclusive por que ainda permanecem muitas práticas acríticas e movimentos repetitivos sem conhecimento dos “por quês?”. Isso não é uma coisa que acontece por acontecer. Tem-se toda uma tradição que está em nós, uma forma pela qual nós vivemos. Então, vamos aproveitar a pandemia e o isolamento para tentar refletir sobre que corpo nós devemos ver, como devemos, nós que somos profissionais de Educação Física, perceber o nosso corpo. Às vezes fica difícil perceber o corpo por um motivo muito simples. Temos toda uma história de não percepção do corpo e vamos dialogar sobre isso. Vou dar também alguns exemplos. Eu me lembro que há tempos me chamou a atenção a não percepção do corpo. Por quê? Porque nós não contextualizamos o corpo. Contextualizamos sempre alguma produção intelectual, mas o corpo sempre se destina a ser entendido e trabalhado através de meras práticas. Se queremos reverter isso, temos que fazer reflexões.

A proposta de hoje é uma reflexão. E ela é necessariamente rigorosa, tem radicalidade e é contextualizada. Olha que interessante pensarmos nisso, somos pesquisadores, professores e trabalhamos com a Educação Física. Mas não é só a Educação Física que não contextualiza as coisas que produz e, às vezes, cai numa repetição daquilo que sempre foi feito. Para mostrar isso lembro que quando estava fazendo o mestrado, bem lá atrás, eu fui a uma biblioteca de uma universidade importante do estado de São Paulo, para saber como que se faziam teses e dissertações. E foi interessante ter ido lá, porque eu queria ver, a partir do trinômio radicalidade, rigor e contextualização como estavam sendo produzidas dissertações e teses. Eu peguei uma dissertação aprovada, de grau altíssimo, não da área da Educação Física. Tinha muito rigor, tinha muita radicalidade, mas eu sempre me perguntava: e a contextualização? A tese era sobre qual a melhor procriação de coelhos, a uma temperatura média de menos 5 graus centígrados. Você viu que interessante? E apoiada por órgãos oficiais brasileiros, e realizada no Brasil. Qual contextualização disso? Em quê para nós havia um interesse dessa dissertação ou tese? Afinal de contas no Ceará e na maior parte do Brasil acho que três, quatro meses por ano deve ser menos cinco graus centígrados a temperatura. Então, a reflexão é importante para que possamos começar a perceber as coisas de uma forma diferente.

Trazendo isto para o tema corpo/corporeidade, você já viu como temos uma tradição de perceber o corpo de forma inadequada? Por exemplo, na nossa sociedade ocidental como

que percebemos, por exemplo, o corpo idoso? O corpo idoso parece ter sempre um problema, porque ele não está produzindo. Parece que é alguma coisa que pode ser descartada. Aliás, tivemos um recente ministro que colocou claramente que ele poderia ser descartado. Poxa! Mas então, nós que trabalhamos com o corpo, como temos que fazer?

Se falamos do corpo, há outras formas da sociedade historicamente trabalhar o corpo que diretamente vão influenciar como a Educação Física vê o corpo. Hugo Assmann tem algumas menções de corpo ao longo da história, desenvolvendo seus argumentos com toda a razão. Por exemplo, ele disse que até mais ou menos no Renascimento tínhamos o que ele chama de “corpo jardim fechado” (Assmann, 1994). O que é o corpo jardim fechado? Ele menciona existir até o Renascimento, mas está presente hoje; é um corpo sacralizado, corpo em que você é a morada do espírito. Ou seja, o corpo é apenas uma coisa, uma casa onde o espírito deve estar presente. O próprio Hugo Assmann coloca aparecer depois disso o “corpo aberto e devassado”, por onde entra, inclusive, a nossa ciência atual (Assmann, 1994). Nos anos 1500, Andreas Vesalius produziu um atlas anatômico fabuloso que tem sido elogiado até hoje, no qual o corpo poderia ser invadido, poderia ser colocado sob total manipulação em relação ao conceito de ciência.

Pensamos que isso não tem nada a ver quando vamos para a graduação em Educação Física e fazemos muito disto. Muitos corpos que vemos na Educação Física parecem apenas utilitários, para que se possa aprender alguma coisa. Não estou aqui jogando fora a Anatomia, não é nada disso. Só estou dizendo que a nossa forma de ver corpo, também presente na Educação Física, é a de um corpo possível de ser devassado, manipulado, colocado sobre determinados padrões de rendimento e assim por diante. Outra metáfora de corpo, também de Assmann (1994), diz respeito ao corpo ajustável ao que se precisa, e estes são os corpos da relação mercantil, corpos garçons, corpos executivos, corpos professores, corpos médicos. Enfim, um sentido utilitário de corpo.

Por isso, quando vamos para a Educação Física, talvez a nossa ação também seja uma situação de ver o corpo numa perspectiva utilitária. Então, está na hora de começarmos a olhar esse fenômeno um pouquinho diferente, não mais apenas no sentido corpo máquina idealizado por René Descartes. Mas, como a Educação Física vai ainda trabalhar corpo máquina? Vai trabalhar oferecendo a ele a instrumentalização para o rendimento máximo. Uma instrumentalização para que ele possa ser melhorado na sua performance. Volto a insistir, essas questões não são questões que têm de ser jogadas fora pela Educação Física; só

necessitamos de ter uma visão mais abrangente do que é o corpo. Como eu percebo esse corpo? É isso que vamos tentar conversar hoje. Mas Stephanie, se estamos chegando no século 21 com a tecnologia, podemos pensar: “Acho que recuperamos o corpo e o corpo tendo estado na moda desde o século 20, então ele está muito valorizado”. Ele está muito sendo utilizado na moda, mas será que isso basta para mudarmos a feição de como nós vemos um corpo?

Há um livro muito interessante “O homem máquina: a ciência manipula o corpo” (Novaes, 2003) no qual busquei referências. Estamos no século 21, mas será que nós estamos recuperando o sentido adequado do corpo? Olha o que Le Breton (2003, p.129), um dos autores de um capítulo desse livro diz: “Super equipado com bens que lhe permite comunicar-se sem precisar deslocar-se, o indivíduo não precisa mais necessariamente se encontrar individualmente com outros. A conversa frente a frente durante o passeio tranquilo ou em um lugar silencioso parece hoje perder espaço diante do diálogo apaixonado do proprietário de um bar no computador com seus interlocutores invisíveis e falantes, as incontáveis conversas virtuais rasas e efêmeras são hoje sintomas da carência de vínculo social, indica uma sede de contato e ao mesmo tempo uma preocupação de preservar-se e não se comprometer demais.” É bem interessante, porque parece estarmos indo para um lado perigoso. O corpo parece agora poder ser descartado definitivamente. Daí a necessidade de buscarmos o sentido de corporeidade, pois esta concebe o corpo como uma unidade maior, ou entende esse corpo numa perspectiva de totalidade.

Outro autor que está na moda, inclusive com seus livros transformando-se em best seller, é Yuval Noah Harari, pois escreveu recentemente três livros muito vendidos: 1- Sapiens: uma breve história da humanidade (Harari, 2018a); 2- Homo Deus: uma breve história do amanhã (Harari, 2016); 3- 21 lições para o século 21 (Harari, 2018b). Ele mostra que no desenvolvimento da tecnologia, talvez estejamos criando corpos inúteis e fala sobre essa questão de estar na moda. O autor coloca questões que nós da Educação Física deveríamos nos preocupar. E por que nos preocupar com isto? Porque na verdade isto aqui é uma tendência, e por ser tendência corremos o risco de valorizar o corpo presente nestes livros, mas para uma minoria, e a maioria dos corpos que não podem estar dentro dessa tendência serão corpos inúteis. Se até o século passado nós precisávamos de corpos para

trabalhar na linha de produção, hoje, também com robôs fazemos isso e daqui a pouco teremos um grande descarte de corpos humanos.

Essas coisas parecem não possuir relação com Educação Física, mas tem tudo a ver. E por que tem tudo a ver? Porque na verdade vamos aprendendo a forma com que o corpo está na sociedade, de maneira mais ampla, na formação em Educação Física inclusive nas aulas. Mas, se pensarmos na área da Educação Física, o primeiro contato que temos com ela é na escola, nas aulas da Educação Física. Como foram as aulas de Educação Física que tivemos? Qual é o padrão de aula que tivemos? É o padrão daquilo presente na sua pergunta inicialmente: fazer movimentos repetitivos. E isso parecia natural. A escola, aliás, é um local interessante, porque parece natural termos algumas disciplinas pra mente; uma disciplina para o corpo, a Educação Física; e outra para criatividade, a antiga Educação Artística, disciplina essa que mudou de nome agora. Como se a junção dessas disciplinas estanques, somadas, possibilitariam o ato educativo. A Educação Física é uma disciplina historicamente construída só para o corpo, entendido este como massa muscular que se movimenta. Não precisávamos refletir.

É possível verificar isto. Realizei uma pesquisa anos atrás com crianças da sétima série com o questionamento: Qual a disciplina na escola que você mais gosta? Você tem ideia de qual foi a resposta? Normalmente pensamos: Educação Física. Mas como eu perguntei qual era a disciplina que você mais gosta? A resposta foi Português, ou Matemática, ou Ciências. Daí eu perguntava assim: “E a Educação Física?” Aí, as crianças, assustadas por terem esquecido, diziam: “A Educação Física vale? Então, é Educação Física”. Você vê? A nossa tradição é uma tradição de um movimento e não de motricidade, de movimento e não de totalidade. Por isso que nós precisamos começar a pensar e perceber corpo de uma forma diferente, abrangente e unitária. Fica claro nesse exemplo que a Educação Física não se destinava a trabalhar conhecimento, e sim, mera prática de movimento.

Sáimos da Educação Física na escola, e vamos para as nossas formações profissionais na graduação. Como que é a nossa graduação? Grande parte do que está lá, em termos de carga horária, se apresenta como coisas estanques, em que uma disciplina não conversa com a outra. A graduação está muito concentrada em conhecimentos, por exemplo, na área de saúde, na área biológica; outra parte na área técnica, vamos chamar assim; e uma pequena parte, e cada vez menor, seria na área das humanas para discutir a qualidade do conhecimento necessário para a área. Isto é tão grave, pois mesmo na licenciatura não

conseguimos formar Professores, e sim especialistas da área. Claro que esta situação não é específica da Educação Física. Eu sempre tenho dito que os cursos de licenciatura, até hoje em todas as áreas, formam profissionais específicos da área, eles não formam professores. Eles formam aqueles que dominam mais especificamente a sua área, mas dificilmente eles formam professores. Mesmo porque para a formação de professores temos que ter essa perspectiva um pouco diferente daquilo que está sempre nos colocando (o que está posto) como o que é corpo.

Vimos alguns exemplos aqui na perspectiva histórica, e há tentativas ao longo do tempo de se mudar isso, mas essas tentativas não deram muito certo ou tiveram alguns problemas para que pudessem progredir. Nós, inclusive da área 21 (a Educação Física está na área 21 dos órgãos regulamentares para questão de financiamento de pesquisas), formamos pesquisadores; e muitas vezes esses pesquisadores não trabalham nas coisas reais da Educação Física. E não sou eu que estou afirmando isso, há um texto, de alguns anos atrás, do professor Go Tani, da USP, no qual ele colocava claramente que 80% da produção científica da área da Educação Física, área 21, não tinha relação direta com o universo da Educação Física. Essa constatação me deixa triste, porque vejo muitos colegas formados em Educação Física que parecem ter vergonha de ser da área. Eles se apresentam como fisiologista, sociólogos, epidemiologista, *personal training*, ou coisas do gênero, passando a ideia de que nós, profissionais/professores da Educação Física, temos um pouco de vergonha de dizer: “Não, eu sou professor de Educação Física, eu sou da área de Educação Física”.

No início de sua fala, Stephanie, você mencionou um livro que foi editado primeiramente em 1992, o Educação Física e Esportes: perspectivas para o século XXI. Agora em 2016, eu e a colega Vilma Nista-Piccolo lançamos uma outra obra com o título Educação Física e Esportes no Século XXI (Moreira; Nista-Piccolo, 2016) que também é um livro com participação de renomados colegas da área. Tivemos a satisfação de saber que o livro ficou entre os dez finalistas que concorriam, na área da Educação, ao Prêmio Jabuti. Mas, para a área 21 da CAPES onde se encontra a Educação Física, a mesma obra foi considerada de menor significância.

Você vê como são as coisas, tentamos colocar outras formas de perceber o corpo, mas muitas vezes não conseguimos fazer grandes mudanças. Por isso, é fundamental a questão da reflexão. Por isso, é fundamental levantarmos esse tipo de problema para que

possamos começar a qualificar cada vez mais nossa atuação profissional. Qualificar não significa negar o já feito, não reclamar do que já foi feito, mas transcender aquilo já fizemos

Stephanie: Professor, vamos adentrar o segundo questionamento, que se relaciona com o que foi falado anteriormente, sobre essa questão de corpos, digamos que descartáveis. Entre aspas, corpos marginalizados, e que no contexto da pandemia foi colocado muito, essa questão de descartar nossos velhos; que são pessoas importantes. Porém, diante desse contexto quais seriam as implicações dessa nova forma de lidar com o corpo, principalmente, com esses corpos marginalizados como, por exemplo, negros, indígenas, quilombolas, mulheres, idosos e pessoas em vulnerabilidade social considerando o contexto em que nos encontramos? Inclusive também podemos colocar que é um contexto político. Não é só a questão da corporeidade, nós temos também muitas nuances políticas envolvidas nesse contexto desses corpos descartáveis e marginalizados, queríamos saber um pouco sobre a sua visão acerca desse assunto.

Wagner: Essa questão da corporeidade. Primeiro uma observação importante: estamos conversando sobre corporeidade e não me preocupei em definir o que é corporeidade. Assim, quando falamos dos corpos humanos marginalizados, na verdade não são pobres, ou índios, ou negros. São as corporeidades aí existentes que estão sendo marginalizadas, individuais e coletivas, que não podem inclusive assumir a sua própria posição ou a sua própria valorização e são colocadas, a priori, como sendo coisas menores.

É interessante pensar nisso porque, principalmente no momento atual, estamos sofrendo tremendamente para poder firmar posições em relação a isso, quer seja de corpos analisados por etnia, por questões de gênero, ou seja lá o que for. Em termos de propostas políticas, parece que nós retrocedemos muito, o que é preocupante. Agora, o mais preocupante é que aquelas pessoas que têm clareza disso também não estão conseguindo se organizar adequadamente para combater isto. Eu estou até muito temeroso em relação a essas questões. A sensação é de estarmos acomodados, ou com medo, de nos posicionarmos em relação a temas como corporeidades excluídas.

Assumir posturas críticas em relação ao corpo demanda a ação de perceber corpos nas suas existencialidades. Porque perceber corpo não é atentar para aquele corpo que é hegemônico apenas, nem é aquele que está no poder. Perceber corpo está nas nossas relações

peçoais, em como eu me relaciono com as outras pessoas. Corporeidade é consciência, mas no sentido de como Merleau-Ponty define consciência: esta é um atributo ou um estado de alerta corporal que se desenvolve em três grandes momentos, em três grandes direções ao mesmo tempo: consciência de si mesmo, consciência dos outros e consciência das coisas e do mundo. É através e pelo corpo que se faz isso. Na verdade, a consciência para Merleau-Ponty é o estado de alerta corporal na direção de si mesmo, na direção dos outros e na direção das coisas ou do conhecimento do mundo. Isto aliás, deveria ser a função da educação. No entanto, temos uma educação tremendamente compartimentalizada em que se aprende muitos conceitos, mas que não conseguimos reunir esses conceitos para que possamos ter uma existencialidade.

Entro novamente em Merleau-Ponty; uma existencialidade em que a corporeidade possa se expressar efetivamente. Apenas como um exemplo, o nosso grupo, o NUCORPO (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Corporeidade e Pedagogia do Movimento) do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFTM, já realizou muitas pesquisas sobre corpo. E às vezes, fazemos essa pergunta simples: o que é corpo para você? Você não imagina a dificuldade que as pessoas têm para responder isto. Primeiro, às vezes as pessoas que têm muita cultura, que tem muito conhecimento, que estão na universidade e tal, falam assim: “Ah! Corpo? Poxa! Mas que pergunta difícil de responder”. Ou, quando respondem: “Bom! Corpo para mim, é aquela unidade em que se tem cabeça, tronco e membros”; ou, “Corpo pra mim é a somatória das questões anatômicas, questões fisiológicas, questões pedagógicas, questões psicológicas ...” Enfim, é sempre na perspectiva de que nós temos um corpo e de nós jamais sermos um corpo. E corpo, via conhecimento e atitude da corporeidade é ser corpo social assim como corpo individual. As manifestações da corporeidade não são opostas, são complementares coabitando no mesmo processo vivencial. É que nos faz começar a ter uma percepção diferente do fenômeno corporeidade.

A partir dessa premissa podemos começar, talvez, a reagrupar as questões da formação de professores nos cursos de Licenciatura, a aprimorar as questões da ação que vai trabalhar com o movimento, com a motricidade, com a técnica. Apenas como um exemplo, vejamos esse último termo: técnica. A Educação Física necessita da técnica, mas não necessita do tecnicismo. Esta confusão fizemos quando analisamos isso na “crise” da Educação Física brasileira, a partir da década de 70 do século passado. Ao propor o fim do

tecnicismo esbarramos na errada ideia de nos desvencilharmos da técnica, o que foi prejudicial para a área. Devemos utilizar técnicas, mas com um sentido diferente da tradição tecnicista. Melhor demonstrando isso através de Bento (2006, p. 157): “É a técnica que precede e possibilita a criatividade e a inovação. A criatividade será uma espécie de estado de graça, de harmonia e perfeição, um sopro de inspiração que responde a uma ordem e uma voz que vem de dentro, mas só resulta quando a técnica se instala como uma segunda natureza. Sim, difícil é a técnica, com ela o resto é fácil. A técnica é uma condição acrescida e aumentativa; não serve apenas à eficácia, transporta para a leveza, a elegância e a simplicidade, para a admiração e o espanto, para o engenho e a expressão encanto. Sem ela não se escrevem poemas, não se compõe melodias, não se executam obras de arte, não se marcam gols, não se conseguem cestas e pontos, não se pode ser bom em nenhum ofício e mister. A arte, a qualidade, o ritmo, a harmonia e a perfeição implicam tecnicidade. Sem técnica não há estética de coisa alguma. E a ética fica deficitária e manca. Enfim, sem técnica não logramos ser verdadeiramente humanos”. A técnica na perspectiva da menção anterior permite que percebamos a sua importância, seguros de não trilharmos pelas estradas do tecnicismo. Isto vale para os Professores e para os Profissionais da Educação Física, quer dentro da escola, quanto fora dela. Alunos ou clientes da Educação Física são seres humanos dotados de corporeidade, daí a necessidade de ministrarmos o conhecimento da área sabendo que trabalhamos com corpos humanos e não com máquinas que devem ser ajustadas para unicamente melhorar seu rendimento ou sua produção.

Maurice Merleau-Ponty tem duas pequenas frases que considero fabulosas se quisermos perceber o corpo de forma diferente. Primeira expressão: “A verdadeira filosofia é reaprender a ver o mundo”. O problema é que esta reflexão não passa pelos cursos de Educação Física. Compreender corpo na perspectiva da corporeidade existencial exige reaprender a ver o mundo. Segunda expressão: “A máquina funciona, o corpo vive”. Eu tenho que trabalhar como Professor e ou profissional de Educação Física na perspectiva de saber que estou trabalhando com um ser humano ali na minha frente.

Stephanie: Professor, o corpo ele é uma coisa incrível. Mas há uma crescente para as questões do corpo, em especial sobre os padrões de beleza. Nesse contexto pandêmico em que as pessoas estão online praticamente 24 horas, porque estão em casa, temos ainda um grande incentivo da prática de atividade física por uma infinidade de pessoas. Mas por uma busca,

que vamos nomear aqui de corpos-padrões. Queria que você falasse um pouco sobre isso, dessa busca por um corpo-padrão e sobre o que está acontecendo com a área de Educação Física que parece não estar buscando um sentido dessa corporeidade. E que nesse viés essa busca por um corpo-padrão não traz o real sentido da nossa área. A corporeidade para a Educação Física traz diversos sentidos e reflexões, que são muito maiores que isso. O que você tem a nos dizer sobre isto?

Wagner: Por que sempre temos que seguir um corpo padrão? Porque, entre outras coisas, a mídia massifica-nos em cima de um corpo bonito, e um corpo belo tem uma determinada forma. Daí ficamos querendo transformar nossos corpos que são diferentes em determinada forma padronizada pela mídia.

Quando dou aulas para meus alunos de graduação utilizo o seguinte exemplo para explicar o equívoco disto. Eu, hoje, com meus 72 anos, olho meu corpo e concluo que tudo está se deteriorando. Daí, tomo a decisão de ir para uma academia: faço esteira, utilizo vários aparelhos para fortalecimento de músculos e, quinze dias depois, pareço me sentir melhor. No entanto, olho para a parede e há um quadro de um ser musculoso e lindíssimo nos padrões estéticos valorizados. Olho para meus músculos e penso: “Nossa que porcaria, não adiantou nada esse esforço”. Vejam, ao invés de me gostar mais, de saborear o esforço e a dedicação ao exercício físico realizado, fico cada vez mais me gostando menos. Olha que contradição, tudo causado pela imagem do corpo perfeito e não do corpo possível. Fico triste com minha melhoria de performance. Qual o sentido disso?

Da mesma forma, me preocupo com a educação escolar formal de crianças. Elas têm tudo na escola: aulas de informática, de inglês, de matemática..., sempre no objetivo de serem adultos em miniatura, preparando-as para o mundo do trabalho. O que não é permitido às crianças na escola é ser criança. Lembro-me de Elenor Kunz, árduo defensor da criança ser criança, e não de um adulto em miniatura. Eu me preocupo até com a questão de crianças; agora também eu estou lembrando muito do Elenor Kunz. Porque eu vejo crianças tendo tudo na escola, desde a educação infantil, tudo na escola menos a possibilidade de criança ser criança. Lembro-me também do acontecido com um dos meus netos. Ele tinha quatro anos e minha filha foi chamada para ir a sua escola, e o motivo é que ele não parava de se movimentar. Eu disse a minha filha: “Ainda bem, porque com quatro anos isso é muito

natural”. Assim, minha filha falou para meu neto: “Fui chamada pela direção da escola para ir lá por sua causa.” Meu neto pensou um pouco e disse: “Olha, você tem seu emprego e eu nunca fui lá. Escola é lugar de crianças e não de adultos, então você não tem nada que fazer lá.” Linda resposta não? Mas me preocupei porque não é necessariamente uma resposta de criança de quatro anos. A corporeidade infantil deve ser respeitada no seu tempo e no seu espaço, ou seja, na facticidade da criança ser criança, e não ser um adulto em miniatura.

Essa constatação está a exigir dos cursos de licenciatura em Educação Física mudanças de enfoque, da mesma forma que isto se exige das demais disciplinas destinadas às crianças na escola. Educar uma criança não deve ter como contrapartida a inibição de sua criatividade, de sua sensibilidade e de sua motricidade, todos estes elementos de suma importância para a efetivação de sua motricidade.

Stephanie: Professor eu vou fazer um último questionamento. E trarei nuances com outros questionamentos que foram feitos. Então, quais são as dificuldades, desafios e possibilidades do corpo-sujeito nessa cultura corporal coletiva e individual que nós estamos? Mais individual até do que a coletiva (risos). Mas compreendo também que estamos coletivamente também como estamos aqui, por exemplo, interagindo. Podemos não estar juntos, vamos dizer assim corporalmente, mas estamos juntos. Então, como e quais essas dificuldades, desafios e possibilidades desse corpo-sujeito ser efetivado de forma remota?

Wagner: Uma possibilidade é essa que estamos fazendo. Estamos de forma remota, você na sua casa, eu na minha, e todo mundo que eu vejo passar aqui pelos comentários, amigos que inclusive faz muito tempo que eu não os vejo, estão em suas casas e estamos conversando e refletindo sobre isso. A tecnologia deve ser aliada ao ato educativo e não seu algoz. Não temos que jogar tecnologia fora. Temos que saber como controlar essa tecnologia. Eu brinco, e o pessoal da tecnologia até briga comigo, e acho que eles têm razão. Eu digo se eu, enquanto ser humano dominar a tecnologia, está ótimo; o duro é quando começo a ter a possibilidade da tecnologia me dominar. Aí as coisas ficam um pouquinho mais complicadas.

Além de controlar a tecnologia, podemos auxiliar a educação no sentido do desenvolvimento do corpo-sujeito trabalhando nos cursos de formação de professores pensadores que nos trazem conhecimento sobre as atitudes de corporeidade. Analisando isto pergunto: quantos cursos de graduação em Educação Física, quantos autores, por exemplo,

como Foucault, como Merleau-Ponty, com teorias mais recentes como Edgar Morin... Quantos de nós lemos isso nos cursos de graduação em Educação Física? Esses autores, de bases epistemológicas diferentes, nos ajudam a entendermos conceitos e explicitar atitudes que nos possibilitam compreender melhor o sentido humano da existência. Além de desconhecermos esses e outros autores, a maioria de nós professores, saímos das licenciaturas dominando conceitos e não transformando conceitos em atitudes. Apenas como um exemplo, no Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado e Doutorado) da Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM, onde trabalhamos, desenvolvemos uma disciplina “Educação e Corpo: do cartesianismo à complexidade”, na qual refletimos e problematizamos sobre como a educação pode colaborar para transformar o sentido de corpo-objeto para o corpo-sujeito, ou do corpo para corporeidade. Não só lá esse trabalho é feito. Na Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, há o grupo Estesia, liderado pela Profa. Dra. Terezinha Petrucia da Nóbrega, que realiza excelente trabalho sobre corporeidade calcado nas obras de Merleau-Ponty. E há outros centros já desenvolvendo conhecimento a partir desses pressupostos, mas que agora a memória falha para mencioná-los. E aqui, por exemplo, a tecnologia nos une, ao possibilitar troca de experiências via online, bem como assistir defesas de dissertação e tese que tratam do assunto. Mesmo esse nosso encontro dá a dimensão da importância da utilização da tecnologia para difundir nossas ideias. Daí nossa responsabilidade da manutenção de encontros como este, e terminada a pandemia, ofertarmos possibilidades de estarmos corporalmente juntos para discutirmos as possibilidades da corporeidade.

Por fim, muitos poderão dizer: “Você falou muita coisa mais até aqui não definiu corporeidade”. Conceituar corporeidade não é nossa intenção. Corporeidade pode ser entendida como uma forma de consciência, está nos moldes definidos por Merleau-Ponty, já mencionado anteriormente, como um estado de alerta corporal que se desenvolve em três direções ao mesmo tempo: conhecimento de si, dos outros e das coisas. Corporeidade é a razão da nossa presentidade no mundo. Ela é, ao mesmo tempo individual e coletiva, pois explicita o sentido de humano no homem.

Certa vez, meu amigo Prof. Dr. Nelson Carvalho Marcellino solicitou que eu falasse sobre corporeidade em sua disciplina no mestrado em Educação Física da Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP. Aceitei o desafio e levei para lá uma pequena crônica

que publiquei tempos atrás: “Hoje foi solicitado academicamente a falar sobre corporeidade. Vejam a contradição intrínseca a esse fato. Falar e pensar sobre corporeidade e não ser corporeidade. Se me fosse pedido para ser corporeidade quase bastaria estar aqui nessa relação com vocês, nesse tempo cronológico e desse espaço geográfico. Mas é evidente que o tempo cronológico apenas não expõe a corporeidade, pois ela é também Kairós, ou seja, tempo existencializado na cultura e na história, ao expressar o pensamento sobre o tema poderia simplesmente dizer que está grafado no título desse texto. Corporeidade é..., isso basta. Mas tenho a certeza de que receberia muitas críticas acadêmicas pelo pensamento tão sintético, assim dispus-me a realizar em alguns momentos deste escrito uma variação significativa do texto já produzido onde eu utilizei o poema ‘Instantes’ do Jorge Luís Borges, tal qual um intérprete de jazz. Apresentar variações sobre o mesmo tema esperando que isso seja feito com qualidade e atinja a sensibilidade dos leitores ouvintes. Corporeidade é voltar a viver novamente a vida na perspectiva de um ser unitário e não dual, no mundo de valores existenciais e não apenas racionais. Ou quando muito, simbólicos. Corporeidade é voltar os sentidos para sentir a vida em olhar o belo e respeitar o não tão belo; cheirar odor agradável e batalhar para não haver podridão; escutar palavras de incentivo, carinho, de odes ao encontro, e ao mesmo tempo buscar silenciar, ou pelo menos não gritar, nos momentos de exacerbação da racionalidade e do confronto; tocar tudo com muito cuidado e a maneira como gostaria de ser tocado; saborear temperos bem preparados, discernindo seus componentes sem a preocupação de isolá-los, remetendo essa experiência a outras no sentido de tornar a vida mais saborosa e daí transformar sabor em saber. Corporeidade é buscar transcendência em todas as formas e possibilidades, quer individualmente, quer coletivamente. Ser mais e sempre viver para idade e sempre ir ao encontro no outro, no mundo e em si mesmo. Corporeidade é essencialidade na busca de compromissos com a cidadania, com a liberdade de pensar e de agir, consciente dos limites desse pensar e agir. Corporeidade é amavelmente variando sobre o tema mencionado: andar mais descalço no retorno e respeito à natureza; nadar mais rios recordando batalhar por águas límpidas e cristalinas; apreciar mais entardecer onde o horizonte não seja um buraco de ozônio ou esteja camuflado por nuvens de poluição; viajar mais leve. Sei lá. Vai ser um guarda-chuva, uma bolsa de água quente, uma galocha e um paraquedas. Viver o dia a dia; comer menos; medos imaginários. Corporeidade é incorporar signos, símbolos, prazeres, necessidades através de atos ousados, ou através de recursos necessários sem achar que um leva ao outro. É cativar e ser cativado por outros, pelas coisas e

pelo mundo numa relação dialógica. Corporeidade é tema de discussões científicas realizadas com radicalidade, com rigor e de forma contextualizada, mas sem separar o corpo e partes para depois juntá-los; sem manipular pessoas para depois pedir desculpas; sem criar prosélitos para depois deixá-los a ver navios; sem transformar teorias em dogmas, pois enquanto aquelas são abertas e passíveis em correlação, estes são sinônimos e regra imutável a serem seguidas; justificando tudo, às vezes, até a ausência da própria corporeidade. Corporeidade é sinal de presentidade no mundo, é sopro que virou verbo e encarnou-se no mundo. É a presença concreta da vida fazendo história, cultura, e ao mesmo tempo sendo modificado por essa história e por essa cultura. Corporeidade sou eu, corporeidade é você, corporeidade somos nós seres humanos carentes. Por isso mesmo dotados de movimento para a superação das nossas carências. Corporeidade somos nós na íntima relação com o mundo, pois um sem o outro é inconcebível, para os que pensam que corporeidade é como Bombril (isso é antigo viu?), ou seja, tem mil e uma utilidades, lamento dizer que estão errados, pois corporeidade não é algo que me apropriado para um fim utilitário. Quando penso na ideia de apropriação, já destinei ao corpo uma posição de submissão ao espírito novamente. Aí já diziam pensadores como Marx e Nietzsche, a soma das partes não dá o todo. Corporeidade não é coisa que vai salvar o mundo. No entanto, a corporeidade é existencialidade, é vida. A vida se preserva e se nutre da relação com o meio ambiente. Qualidade é o ser vivente exercitando a sua motricidade. Corporeidade não é um conceito, é um estilo de vida na busca da superação. Enfim, corporeidade é isso.”

Stephanie: Que boniteza professor. Professor estudamos tantas coisas, discutimos novas técnicas sobre o corpo, sobre os exercícios, descobrindo novos exercícios e inventando novos nomes, fazendo várias reflexões e deixando de lado o nosso principal objeto de estudo que é o corpo. Inclusive eu vou pegar algumas falas de Paulo Freire onde ele traz que Corporeidade é o “Ser mais”. Paulo Freire nos traz esse conceito do “Ser mais” e eu me preocupo bastante nesse contexto que estamos vivendo atualmente. Não só no Brasil, politicamente, mas no mundo como um todo. Parece que as pessoas não estão querendo “Ser mais”, e estamos num contexto mais individual do que coletivo. As pessoas querem ser mais individualmente do que coletivamente. Os limites desse agir, parece que não estão sendo

respeitados. Em especial na nossa área, eu digo que estamos esquecendo de discutir o corpo e mais intrinsecamente de refletir sobre ele, sobre quem nós somos na nossa própria área.

Wagner: Você tem razão e veja que inclusive as novidades que aparecem são catalogadas e há a necessidade de adquiri-las. Você não tem que analisá-las ou refletir sobre elas. Por exemplo, aparecem novas tendências de movimentos em ginástica e elas estão todas patenteadas. Para você poder fazer isso você tem até que pagar antecipadamente para usufruir dos movimentos nela contidos. Resultado: estamos deixando o corpo novamente sob uma submissão, sob o julgo de coisas que estamos discutindo como uma forma, mas com a possibilidade de não chegarmos aos sentidos de corporeidade.

Stephanie: Foi uma riqueza essa conversa. É muito bom ouvirmos os autores que vemos nos livros. Pois, lemos os livros, refletimos, mas conversar com esses autores é na verdade deveras precioso! Então, muito obrigada!

Wagner: Eu só queria terminar dizendo que precisamos ser idealistas sem uma conotação negativa que este termo pode apresentar. É fundamental sermos idealistas, na perspectiva de Ingenieros (2003), numa publicação intitulada “O Homem Medíocre” escrito em 1933, deixando uma mensagem final para todos nós, quando estivermos cansados de batalhar por aquilo que acreditamos. “Aos espíritos febris por algum ideal são adversários da mediocridade: sonhadores contra utilitários, entusiastas versus apáticos, generosos combatem os calculistas, indisciplinados enfrentam os dogmáticos. São alguém ou algo contra os que não são ninguém nem nada. Todo idealista é um homem qualitativo: possui um sentido das diferenças que lhe permite distinguir entre o mal que observa, e o melhor que imagina. Os homens sem ideais são quantitativos; podem apreciar o mais e o menos, mas nunca distinguem o melhor do pior”. Sejamos idealistas, busquemos sonhos associando-os a nossa área de conhecimento que nós escolhemos e amamos, a Educação Física, contribuindo assim com possibilidade de alteração. Eu é quem agradece.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Hugo. **Paradigmas educacionais e corporeidade**. 2. ed. Piracicaba: Editora UNIMEP, 1994.

BENTO, Jorge Olímpio. Corpo e desporto: reflexões em torno desta relação. *In*: MOREIRA, W. W. (Org.). **Século XXI: a era do corpo ativo**. Campinas: Papirus, 2006, p. 155-182.

HARARI, Yuval Noah. **Homo deus: uma breve história do amanhã**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens: uma breve história da humanidade**. Porto Alegre: L&PM, 2018a.

HARARI, Yuval Noah. **21 lições para o século 21**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018b.

INGENIEROS, José. **O homem medíocre**. Campinas: Edicamp, 2003.

LE BRETON, David. Adeus ao corpo. *In*: NOVAES, Adauto (Org.), **O homem-máquina: a ciência manipula o corpo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 123-137.

MOREIRA, Wagner Wey. **Educação física escolar: uma abordagem fenomenológica**. 2. ed. Campinas: Editora Unicamp, 1992.

MOREIRA, Wagner Wey (Org.). **Educação física e esportes: perspectivas para o século XXI**. 16. ed. Campinas: Papirus, 2010.

MOREIRA, Wagner Wey; NISTA-PICCOLO, Vilma Leni (Orgs.). **Educação física e esporte no século XXI**. Campinas: Papirus, 2016.

NOVAES, Adauto (Org.). **O homem-máquina: a ciência manipula o corpo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CRENCIAIS DOS AUTORES**1 Arliene Stephanie Menezes Pereira**

Instituição/Afiliação: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)

E-mail: stephanie_ce@hotmail.com

2 Wagner Wey Moreira

Instituição/Afiliação: Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)

E-mail: weymoreira@uol.com.br

3 Klertianny Teixeira do Carmo

Instituição/Afiliação: Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC)

E-mail: klertianny@gmail.com

4 Kaline Lígia Estevam de Carvalho Pessoa

Instituição/Afiliação: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)

E-mail: ligia.pessoa@ifce.edu.br

5 Symon Tiago Brandão de Souza

Instituição/Afiliação: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)

E-mail: symontiago@hotmail.com

Submetido em: 29/08/2021

Publicado em: 31/12/2023